

**QUESTÕES DE COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL:
TECNOLOGIA, CIBERCULTURA E LINGUAGEM**

**Issues in communication in the digital age:
technology, cyberculture and language**

Márcio Luiz Corrêa Vilaça¹

Elaine Vasquez Ferreira de Araújo²

RESUMO: Este artigo discute questões de comunicação em contextos digitais que têm estado presentes na vida social. Este trabalho enfoca considerações a respeito da complexa relação entre tecnologia, cibercultura e linguagem. Inclui discussões sobre *webwriting*, do *internetês*, gêneros digitais e da prática de letramento digital. Defendemos a importância e a necessidade destas questões para a formação de professores, em especial de professores de língua e de educação a distância.

Palavras chave: tecnologia, cibercultura, linguagem, gêneros digitais, letramento

ABSTRACT: This article discusses issues in communication in digital contexts which have been present in social life. This work focuses on considerations concerning the complex relationship among technology, cyberculture and language. It includes discussion on *webwriting*, the “*internetês*”, digital genres and digital literacy practices. We claim the importance and the need of such topics in teacher education, mainly for language teachers and distance learning teachers.

Keywords: technology, cyberculture, language, digital genres, literacy

¹ Doutor em Linguística Aplicada. Professor Adjunto-Doutor do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO, Duque de Caxias, Brasil. professorvilaca@gmail.com

² Mestranda no Curso de Mestrado Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO, Duque de Caxias, Brasil. elainevasquez@ig.com.br

1- INTRODUÇÃO

Pierre Lévy ao justificar a necessidade de pensar sobre a cibercultura aponta dois fatos:

Em primeiro lugar, o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

(LÉVY, 2010, p. 11)

A citação acima – que, de certa forma, funciona semelhantemente a uma epígrafe – contribui para evidenciar a relação entre tecnologias e comunicação. É interessante perceber que os dois fatos envolvem o reconhecimento da relação entre cibercultura e comunicação. Nas palavras do autor, o ciberespaço proporciona: 1) “formas de comunicações diferentes”; e 2) “novo espaço de comunicação”(LÉVY, 2010, p. 11). Lévy fala em “experimentar” estas diferentes formas de comunicação e “explorar” este espaço comunicativo. Quem participa de práticas discursivas situadas e mediadas pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, acaba – em diferentes proporções – “experimentando” novas formas de comunicação. No entanto, podemos dizer que ainda há muito a se “explorar” neste ciberespaço. Neste caso o explorar pode ser tomado em sentido polissêmico, ambíguo, sem maiores problemas: analisar, compreender, aproveitar.

Reconhecendo as limitações de um artigo, este trabalho em sentido *lato* visa explorar um pouco algumas questões referentes à comunicação em contextos digitais.

A relação entre tecnologia e linguagem tem gerado uma diversidade de discussões, que se refletem em termos como “letramento digital”, “linguagens digitais”, “discurso eletrônico”, “hipertexto”, “comunicação mediada por computador”, “comunicação eletrônica”, “gêneros digitais” entre outros. Podemos, portanto, pensar em *e-linguagem*³ ou *ciberlinguagem*⁴ ou ainda em *e-discurso* ou *ciberdiscurso*.

³ Semelhante a *e-mail*, *e-learning* e *e-Gov*, nas quais *e* sido empregado como abreviação para *electronic* e *eletrônico*.

⁴ Semelhante à *cibercultura*

Este artigo não pretende elencar uma série de termos. Também não é finalidade deste trabalho buscar conceituações definitivas para eles, tarefa que tem se mostrado complexa devido à importância interdisciplinar da temática. O letramento digital, por exemplo, tem sido definido de duas formas diferentes: a) como letramento discursivo em contextos digitais e; b) como competências de uso de tecnologias digitais (como um letramento tecnológico).

O objetivo deste artigo é apresentar algumas questões referentes à comunicação em contextos digitais. A motivação se fundamenta na nítida percepção de que discussões sobre cibercultura e usos da linguagem em contextos digitais devem fazer parte dos processos de formação e atualização de professores. Compreendemos que tais discussões e reflexões, apesar de mais diretamente relacionadas aos professores de línguas maternas e estrangeiras e professores na modalidade educação a distância, devem ser também extensivas a professores outras disciplinas, em diferentes níveis de ensino e no ensino presencial. Pretendemos proporcionar com isto um espaço para reflexões sobre questões da comunicação na era digital.

2- INTERNET E PRÁTICAS SOCIAIS

Os avanços da tecnologia e as necessidades da vida moderna fazem com que um número maior de pessoas precise aprender a lidar com o computador e com a Internet, fato este que tem acontecido cada vez mais cedo e de modo mais intenso. Isto pode ser constatado no uso de celulares, *tablets* e computadores, entre outros dispositivos, por crianças.

A internet tem deixado progressivamente de ser uma “possibilidade” para se transformar em “necessidade”. Neste sentido, se na década de 90 ou início dos anos 2000, podíamos escolher, até certo ponto, estar, ou não, no ciberespaço, nos últimos anos esta possibilidade de escolha tem cedido lugar à necessidade de presença online por motivos diversos. Em termos práticos, isto significa a transformação de um espaço adicional de comunicação, informação e interação em uma ferramenta ativa e de crescente importância. Uma evolução tecnológica que tem gerado revoluções em diferentes planos.

Em outras palavras, trata-se, portanto, de um processo gradual de migração de práticas sociais presenciais (off-line) para práticas virtuais (online). Isto, no entanto, não deve ser entendido de forma radical, como abandono, rejeição ou desvalorização de práticas presenciais. Muito longe disso. O objetivo aqui não é este. Pretendemos, na verdade, apontar

que a internet passa a estar mais presente em nossas vidas, muitas vezes independente de nossas vontades ou preferências.

Isto se deve ao fato de que, mais do que uma área para busca de informações, a internet transformou-se em *locus* de diversas práticas sociais, praticas estas mediadas essencialmente pelo discurso.

No campo educacional, por exemplo, o emprego de atividades mediadas pela internet em cursos e disciplinas presenciais é crescente. Esta integração entre estudos online e presenciais, também denominado de *blended learning* ou ensino híbrido, é apontado por Tori (2009 e 2010) como uma tendência, que deve se fortalecer e expandir nos próximos anos, aproximando ainda mais a internet do ensino, independente de ensinar ou estudar na modalidade educação a distância.

O crescimento da internet e mudanças de forma de participação nela contribuíram para a compreensão de uma chamada web 2.0, na qual usuários não apenas consomem informações, mas as produzem e divulguem de modo colaborativo (VALENTE e MATTAR, 2007; VILAÇA, 2011), de formas variadas. Como discutido em Vilaça (2011), a web 2.0 não se refere à velocidade ou tecnologia de acesso, mas às práticas sociais nela desenvolvidas. Na web 2.0, passamos de uma internet predominantemente receptiva - da “leitura” e “audição” – e de consumo de informações para uma internet ativa da “escrita” e da “fala” – e produtiva de informações. A internet ajudou a dar voz, visão e visibilidade a diferentes questões sociais.

A rede mundial disponibiliza diversas possibilidades para a prática de leitura e de escrita e diferentes formas de comunicação, possibilitando assim novas e enriquecedoras maneiras de realizar práticas sociais por meio da linguagem. Alguns destes espaços, gêneros e ferramentas estão gradualmente substituindo ou completando práticas discursivas do mundo não-virtual (presencial). As cartas pessoais, por exemplo, perderam espaço significativo para os *e-mails*. Chats, fóruns tornaram-se espaços comunicativos que, por vezes, substituem *telefonemas*. Isto só para citar alguns exemplos. Hoje o *Twitter* e o *Facebook*, por exemplo, são espaços para práticas discursivas bem diversas. Novelas, filmes, programas, jogos esportivos, entre uma infinidade de possibilidades, são comentados, criticados e debatidos em tempo real. Como consequência, diferentes mídias buscam ampliar as formas de contatos com seus ouvintes, leitores, telespectadores, consumidores, etc.

3- TECNOLOGIAS E LINGUAGEM

Entre *bits*, *bytes*, *gadgets*⁵ e outros dispositivos, a linguagem encontra nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) um esplendoroso ambiente multissemiótico e hipertextual para comunicação e interação, com características ora comuns ao “discurso off-line” (escrito e oral) ora específicas. Por este motivo, pesquisadores de diferentes áreas dos estudos linguísticos têm realizado discussões e investigações sobre características da linguagem e das práticas discursivas em contextos digitais (MARCUSHI, 2010; ARAÚJO e BIASI-RODRIGUES, 2005, MENEZES, 2010; por exemplo).

Referindo-se a uma “revolução eletrônica”, o linguista David Crystal (2012, p. 195) afirma que:

O computador mudou a natureza da nossa vida linguística. Nos primeiros anos e idade, tudo o que podíamos fazer era ouvir e falar. Por volta dos cinco anos, aprendíamos a ler e escrever. E era assim. Com o tempo vieram os computadores e os telefones celulares. Agora, milhões e milhões de pessoas usam teclados maiores e menores para se comunicar eletronicamente com todo o mundo. Até as crianças mais novinhas. Conheço o caso de várias, com três anos de idade, que conseguem encontrar as letras de seu nome num teclado e enviá-las para a tela do computador. Ainda não sabem escrever, mas já sabem digitar.

Em termos educacionais, a educação a distância (EaD) online passa por um verdadeiro “boom” tanto em termos quantitativos quanto qualitativos em diversas áreas, aproveitando-se das funcionalidades, potencialidades e ferramentas comunicativas e pedagógicas possibilitadas pela internet (MATTAR, 2012).

Neste cenário, cabe indagar: as características e potencialidades do discurso em contextos digitais são consideradas para a comunicação online, inclusive para a produção de materiais didáticos? Outro questionamento pertinente: a formação de professores, especialmente em cursos de Letras, tem se preocupado devidamente com as práticas discursivas digitais e com os possíveis efeitos destas sobre práticas discursivas (online e off-line)?

Estes questionamentos evidenciam a necessidade de reflexões teóricas e desenvolvimento prático de algumas competências que são importantes referentes à comunicação em contextos digitais. Afinal, todo processo comunicativo está sujeito a especificidades que variam, entre outros fatores, de acordo com a modalidade (escrita ou

⁵ Termo amplamente empregado para uma variedade de dispositivos eletrônicos portáteis

oral), o contexto, a mídia, o suporte, o nível de formalidade/informalidade, os propósitos e, conseqüentemente, com os gêneros discursivos que viabilizam as práticas discursivas. Em síntese, isto significa que precisamos estar atentos às características das práticas discursivas em contextos online.

Araújo (2007, p. 17) aponta a necessidade de reflexão de educadores sobre a relação entre tecnologia e linguagem ao afirmar que:

Esse tsunami digital parece ainda desafiar a escola que, em alguns casos desenvolve uma espécie de *internetnofobia*. Assim, para vencer o medo da escrita digital, a escola precisa aprender a olhar para a língua não como uma forma homogênea, mas como um lugar de interação para o qual convergem todos os paradoxos humanos.

O pesquisador ainda defende que “Neste sentido, podemos afirmar que a internet não é nenhuma ameaça para a língua, visto que apenas amplia as possibilidades de seus usos e, portanto, pode e deve ser objeto de reflexão na escola (Coscarelli& Ribeiro, 2005)” (ARAÚJO, 2007, p. 17). Crystal (2012, p. 199) aponta que a aprendizagem da comunicação “no mundo dos computadores é como aprender uma língua estrangeira”. Ele acrescenta que “seria correto falar em ‘línguas’”, considerando que há “diferentes estilos” (CRYSTAL, 2012, p.199), que são decorrentes, entre outras coisas, dos gêneros textuais digitais e de regras impostas por *softwares*.

4- ESCRITA PARA A INTERNET–WEBWRITING

O termo *webwriting* tem sido empregado para a discussão de características da produção de textos para a Internet. Neste sentido, uma escrita mais objetiva, clara e sintética tem sido defendida, até mesmo considerando as diferenças entre a leitura no papel e na tela do computador. Se pensarmos nas “novas telas” (celular, *smartphones*, *tablets* e *netbooks*), a questão se mostra ainda mais complexa. O *webwriting* tem despertado interesse mais diretamente em jornalistas e em profissionais de tecnologia e educação a distância.

Para Rodrigues (2006, p.11) *webwriting* é “o conjunto de técnicas que auxiliam na distribuição de conteúdo informativo em ambientes digitais”. O autor afirma que a principal preocupação do *webwriting* está relacionada à informação como um todo, ou seja, fornecer a informação com objetividade, clareza e boa navegabilidade. Considera-se que os comportamentos e estratégias do leitor apresentam algumas especificidades quando a leitura

ocorre em contextos digitais. Vejamos alguns exemplos. Observe, por exemplo, que textos de notícias online são breves, se comparados às publicações impressas. Ainda neste sentido, não é comum ler e-mails longos. Isto se deve à compreensão de que o leitor deseja maior objetividade e brevidade na leitura online. As possíveis distrações para os leitores também devem ser consideradas, já que eles podem ser atraídos por imagens, vídeos, propagandas, links para outras notícias, entre outros elementos. Novamente um texto longo está mais sujeito a ser abandonado antes do término da leitura.

A hipertextualidade é também fator fundamental, já que o leitor encontra caminhos para aprofundamentos da leitura e para discussões (notícias, temas, verbetes, entre outros) relacionadas. Muitas vezes ao transitar para outras páginas, o leitor acaba não retornando à página inicial, conseqüentemente não finalizando a leitura. Enfim, muitos são os fatores que podem diferenciar a leitura de um texto impresso e a leitura na tela.

No que se refere à comunicação online com fins pedagógicos, Cabral e Cavalcante (2010) argumentam que a escrita online deve promover aproximação com o aluno, evitando, portanto, a transmissão de compreensões equivocadas de hierarquia, (in)formalidade indevida e distanciamento. No caso específico da educação a distância (EaD), pesquisadores apontam que uma das incompreensões relacionadas a EaD se refere à distância entre professores e alunos. Desta forma, se a comunicação não for feita de forma rápida, dinâmica e eficaz, estas compreensões negativas podem ser fortalecidas, o que pode prejudicar significativamente o processo educacional. Embora Cabral e Cavalcante não empreguem o termo, podemos pensar, neste caso, na importância de refletir sobre um *webwriting* pedagógico.

Desta forma, ao produzir textos para a Internet, seja para um curso em educação a distância, *post* de *blog*, ou texto em redes sociais, o autor deve levar em consideração o objetivo e a clareza deste texto, para que a linguagem esteja adequada e não haja “rodeios desnecessários” ou elementos que facilitem a perda do foco da leitura.

Neste sentido, convém ainda apontar que, no caso específico da EaD, os professores que trabalham na elaboração de materiais didáticos, também chamados de professores conteudistas, muitas vezes não são os mesmos professores que ficam em contato direto com os alunos. Em outras palavras, quem elabora e escreve o material, na maioria das vezes, não é quem leciona o conteúdo, fato que pode implicar em estilos comunicativos bastante contrastantes.

Oliveira (2006) afirma que em EaD a maior parte da comunicação se dá por meio de texto verbal escrito, portanto os indivíduos envolvidos neste processo devem possuir

habilidades de escrita e de leitura para se comunicar bem nesse contexto. Oliveira (2006, p. 44) defende que o bom uso da inteligência linguística é fundamental nessa modalidade de educação, pois “a informação pretende interferir na formação intelectual do estudante a distância, conduzindo-o a novos patamares de proficiência conceitual, atitudinal e pragmática”.

Convém ressaltar, conforme apontado por Diniz (2008), que, enquanto os professores começam a utilizar a Internet como instrumento pedagógico, os estudantes se apropriaram deste conhecimento de forma muito rápida. É importante ressaltar, portanto, que é muito comum entre os estudantes a pesquisa no meio digital e práticas sociais realizadas na Internet. Por outro lado, Freitas (2009) afirma que o professor ainda precisa ser letrado digitalmente, ou seja, o professor precisa conhecer melhor as ferramentas disponíveis na Internet e saber como aplicá-las em sua prática docente. Também nesses termos, Teruya (2006) diz que a falta de cursos de aperfeiçoamento metodológico e atualizações permanentes de conhecimentos científicos e tecnológicos dificultam a prática dos professores.

5 - O INTERNETÊS: UM ALVO DE POLÊMICAS

Uma questão polêmica em relação à comunicação na Internet é o uso do chamado *Internetês*. O *Internetês* pode ser compreendido como uma forma de linguagem surgida e empregada na Internet, que se caracteriza basicamente pela “simplificação informal da escrita, em uso principalmente nos bate papos (*chats*) Orkut, blogues, troca de arquivos, mensagens de celulares, fóruns de Internet e correio eletrônico” (BISOGNIN, 2009, p. 54). Semelhantemente, Rojo (2009, p. 163) define o *Internetês*⁶ como “uma linguagem social adaptada à rapidez de escrita e dos gêneros digitais em que circula”.

Algumas características do *Internetês* são abreviações (*msg*, *bjs* ou *bjus*, por exemplo), maior proximidade com a pronúncia (*kadê*, *adoru* ao invés de *cadê* e *adoro*), uso de estrangeirismo (*me add*, para *adicione-me*), siglas a partir do inglês (*BTW* para *bytheway*; *ASAP* para *as soon as possible*).

Além disso, é empregado para expressar emoções (LAJOLO e ZILBERMAN, 2009), aspecto evidenciado pelo uso comum de caracteres para “produzir” desenhos (para indicar

⁶ A autora também usa o termo *bloguês*.

tristeza - :() e o uso de *emoticons*(figuras simples de rostos que indicam emoções) (FONTES, 2007).

Dessa forma, é possível compreender que o *Internetês* tem por finalidade básica promover uma escrita (digitação) mais rápida. Ele pode ser encontrado com maior frequência em salas de bate papo (chat), fóruns, em mensagens de textos por celulares e em redes sociais. Lajolo e Zilberman (2009, p. 31) explicam que “transplantada para a tela, a escrita, que sempre procurou acompanhar a fala, oferece novas possibilidades de reproduzir a oralidade, infringindo normas cristalizadas dessa representação.”

A mídia com certa frequência apresenta o *Internetês* como pauta de reportagens, não apenas na comunicação em contextos online, mas no emprego do mesmo em sala de aula, nas anotações de aula e na produção de textos dos alunos. Alguns professores relatam que o *Internetês* tem sido levado do contexto virtual para as aulas presenciais, chegando por vezes a dificultar significativamente a comunicação.

Diante deste cenário, Rojo (2009, p. 103) observa que esta nova linguagem presente no ambiente virtual pode por muitas vezes ser desvalorizada ou até mesmo desprezada pela cultura oficial, pois o *Internetês* é classificado por muitos professores como uma espécie de “desrespeito ao idioma” ou um “vício” (p.103). Este desprezo acontece apenas com o *Internetês*, mas com as ferramentas da Internet em que esta linguagem é mais empregada, como as redes sociais e as ferramentas de conversas instantâneas, muito utilizadas principalmente entre os jovens. É comum que estas ferramentas tenham o acesso proibido em escolas com conexão à Internet.

Apesar de a Internet permitir esta nova forma de relacionamento com a escrita, Marcuschi (2008) afirma que esta linguagem não se trata propriamente de uma nova forma de escrita. Bisognin (2009) afirma que *internetês* é basicamente uma expressão gráfica com algumas alterações ortográficas, uma espécie de dialeto dos internautas jovens. Portanto, como em qualquer outro ambiente, na Internet o indivíduo também precisa saber adequar a linguagem ao contexto e saber como usar os mais variados tipos de textos. Ou seja, é necessário ter um desempenho considerado ideal para aquele contexto e se apropriar da escrita para a realização de práticas sociais.

6-GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS

Outro fator importante é o domínio de gêneros discursivos em contextos digitais. Se a atenção ao *webwriting* parece estar mais direcionada a jornalistas, agentes de marketing e profissionais de informática e o *internetês* é ainda considerado por muitos como um “desvio” ou uma “corrupção” da língua, os gêneros discursivos digitais são objeto de pesquisas e publicações (ARAÚJO, 2007; MARCUSCHI, 2008; LAJOLO e ZILBERMAN, 2009, por exemplo). No campo dos estudos linguísticos, os gêneros decorrentes das Novas Tecnologias têm sido objeto de estudos de linguistas, linguistas textuais e linguistas aplicados.

Alguns gêneros discursivos frequentes na interação online são *blog*, *chat*, *e-mail*, listas de discussões (ARAÚJO e COSTA, 2007; KOCH e ELIAS, 2008). É necessário ter em mente que a mensagem, precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma. Além disso, devemos ainda considerar a forma de transmissão (influenciada pela velocidade da conexão à internet, por exemplo), a forma de tela (celulares, *tablets*, computadores...), as características dos dispositivos, limitações de softwares, sem apresentar uma lista extensiva. Se pode não causar estranhamento uma carta longa, o mesmo não pode ser dito de um *e-mail*. A mensagem de celular SMS, assim como o Twitter, é geralmente limitado por quantidade de caracteres. Um *post* de um *blog*, por exemplo, não pode ser confundido com um *artigo acadêmico*. Embora seja relevante reconhecer hibridizações (KOCH e ELIAS, 2008), a interação entre gêneros requer cuidados.

Ao utilizar a Internet para ter acesso a textos, é interessante ressaltar que este texto eletrônico pode apresentar diferenças em relação ao texto impresso, pois o texto no ambiente virtual, além de palavras, também pode utilizar ao mesmo tempo imagens e sons. Desta forma, este conjunto multissemiótico de fatores atua para a construção de sentidos. Estes textos que utilizam a tela do computador como espaço de leitura também são chamados por de *hipertextos* (SOARES, 2002; XAVIER, 2010).

Diniz (2008) diz que o hipertexto permite o leitor “transitar” por meio de diversos textos. Desta forma, o leitor é que irá fazer a seleção dos textos que irá ler. Também neste sentido, Marcuschi (2001) diz que o caminho de um leitor dentro de um hipertexto não necessariamente será o mesmo caminho de outro leitor. O autor aponta que esta é a principal diferença entre o hipertexto e os textos impressos. Porém, esta falta de linearidade presente no hipertexto exige do leitor uma maior coerência e consciência ao realizar pesquisas, pois,

segundo Novais (2010), será o leitor que definirá a estratégia que utilizará para dar sentido e entender o hipertexto.

Conforme afirma Silva (2010), por meio dos gêneros textuais, é possível articular uma série de competências que levam à compreensão de um texto, como o conhecimento prévio, a organização textual, os elementos linguísticos e os não-linguísticos. Desta forma, ao se discutir a competência comunicativa no contexto digital, é importante levar em consideração não apenas a utilização da linguagem adequada para o ambiente, mas também as características e elementos que este texto deve possuir, assim como sua navegabilidade e formatação. Neste sentido, é possível discutir sobre um letramento praticado por meio do contexto digital, ou seja, o indivíduo pode realizar práticas sociais envolvendo a leitura e a escrita por meio também de textos eletrônicos.

7 – O LETRAMENTO EM CONTEXTO DIGITAL

Ao se falar de textos eletrônicos e do uso de linguagem adequada no ambiente virtual, é importante também discutir letramento. Afinal, os avanços tecnológicos vêm criando novos canais de comunicação e vêm provocando mudanças significativas em diferentes contextos, como sociais, econômicos, educacionais e políticos (CASTELLS, 2000; LÉVY, 2010) e, conseqüentemente, possibilitando novas maneiras de interação por meio da leitura e da escrita.

Soares (2002) e Rojo (2009) apontam que o momento que vivemos hoje na sociedade é favorável para diferentes tipos de letramento, já que há novas modalidades de práticas sociais. Tem-se, portanto, ao lado do letramento por meio de material impresso, uma variedade de interações com as mídias digitais, principalmente com a Internet. Soares (2002, p. 152) define o letramento em contexto digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela”.

O letramento é necessário na realização de práticas sociais para que o indivíduo seja capaz de compreender o que lê e para que possa se expressar em diferentes contextos por meio de linguagem adequada, inclusive no contexto digital. O indivíduo considerado letrado é capaz de interagir por meio de diferentes gêneros textuais e consegue incorporar a prática da leitura e escrita no seu dia-a-dia. Neste sentido, Rojo (2009) também defende que há a exigência de “novos letramentos”, principalmente relacionados aos meios de comunicação e à

circulação de informação. Afinal, no contexto digital não há interação apenas com textos escritos, mas com um conjunto de imagens, palavras e sons. Sendo assim, a internet possibilita novas formas de circulação de discurso, além de diferentes formas de aprender, ensinar e se comunicar.

Ao realizar práticas sociais envolvendo a leitura e a escrita de textos eletrônicos, como *correio eletrônico*, *blogs*, *fóruns*, textos acadêmicos, dentre outros, há práticas de letramento em contexto digital. Estas práticas são de grande importância social, passando a ser uma espécie de sobrevivência do indivíduo em uma sociedade letrada.

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logicamente, a questão de inclusão de questões da comunicação em contextos digitais na pauta de formação de professores é bastante rica e abrangente. No entanto, isto não deve ser justificativa para ser ignorada na formação e atualização de professores. Professores em formação e em serviço precisam incorporar às suas competências e habilidades reflexões e práticas da cibercultura e dos efeitos desta na comunicação. Entender que isto se restringe a professores de educação à distância parece ser um engano, já que as práticas digitais não estão restritas aos estudantes desta modalidade de ensino.

As discussões aqui realizadas possibilitam compreender que a relação entre linguagem e cibercultura é mais complexa do que pode parecer inicialmente. Se as práticas ciberculturais e os dispositivos tecnológicos influenciam as práticas comunicativas, não podemos deixar de reconhecer também que a comunicação influencia desenvolvimentos tecnológicos e a cibercultura. Apresenta-se, assim, uma tríade envolvendo tecnologia, cibercultura e linguagem, nas quais os impactos de uma sobre as outras entram em um jogo sofisticado e multifacetado, na qual cada uma recebe influências de naturezas e fontes diversas.

Estudos de natureza interdisciplinar encontram aí um fértil e desafiador campo de pesquisa para linguistas, sociólogos, educadores, filósofos, historiadores, profissionais de tecnologia, jornalistas, entre outros especialistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, J. C. *Internet & Ensino: Novos gêneros, outros desafios*. IN: ARAÚJO, J. C. (Org) *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, J. C. e COSTA, N. Momentos interativos de um chat aberto: a composição do gênero. IN: ARAÚJO, J. C. (Org) *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, J. C. (Org) *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BISOGNIN, T. R. *Sem Medo do Internetês*. Porto Alegre: Age, 2009.

CABRAL, A. L. T e CAVALCANTE, A. F. Linguagem escrita. IN: CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. *20% a distância e agora?: orientações práticas para o uso da tecnologia de educação a distância no ensino presencial*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura), Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CRYSTAL, D. *Pequeno tratado sobre a Linguagem Humana*. São Paulo; Saraiva, 2012.

DINIZ, K. C. L. *A Contribuição dos Gêneros Emergentes (hiper[textos]) para as novas leituras e escrita*. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro, v. XI, n. 07, 2008.

FREITAS, M. T. A. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. In: FREITAS, M. T. A. (org.). *Cibercultura e Formação de Professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FONTES, M. do C. M. O uso de emoticons em chats: afetividade em ensino a distância. ARAÚJO, J. C. (Org) *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Das tábuas da lei à tela do computador: A leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

MARCUSCHI L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, Nº 1, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATTAR, J. *Tutoria e interação em educação a distância*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MENEZES, V. L. (ORG) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2010.

NOVAIS, A. E. Experiências genuinamente digitais e a herança do impresso: o que ajuda na interação com as interfaces gráficas. In: RIBEIRO, A. E. et al (Orgs.) *Linguagem, Tecnologia e Educação*. Minas Gerais: Peirópolis, 2010, p. 77-90.

OLIVEIRA, S. C. A Inteligência Linguística em Educação a Distância. *Revista Brasileira de Informática na Educação*. Brasília, v. 14,n.2, p. 41-49,maio/ago. 2006.

RODRIGUES, B. *Webwriting: Redação & Informação para a Web*. São Paulo: Brasport, 2006.

ROJO, R. *Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, S. L. Explorações da linguagem na aula de comunicação: o chat educacional. In: RIBEIRO, A. E. et al (Orgs.) *Linguagem, Tecnologia e Educação*. Minas Gerais: Peirópolis, 2010.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação e Sociedade*/Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol. 23, n. 81. São Paulo: Cortez, 2002.

TERUYA, K. T. *Trabalho e educação na era midiática*. Maringá: Editora da UEM, 2006.

TORI, R. Cursos híbridos ou *blendedlearning*. IN: LITTO, F. e FORMIGA, M. (Org) *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

TORI, R. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

VALENTE, C. e MATTAR, J. *Second Life e Web 2.0 na Educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec, 2007.

VILAÇA, M. L. C. Educação a Distância e Tecnologias: Conceitos, termos e um pouco de história. *Revista Magistro*, Num 1. Vol 2, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1197/801>

VILAÇA, M. L. C. Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/90.pdf

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. IN: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Recebido em 18 de junho de 2012.

Aceito em 7 de julho de 2012.